

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i29.778>

**JUVENTUDE E POLÍTICAS DO CORPO NOS ANOS 1960 E 1970:** entrevista com  
Teresinha Queiroz

Entrevista com Teresinha Queiroz, professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), realizada por Elizangela Barbosa Cardoso, do Departamento de História da UFPI.

Teresinha Queiroz é licenciada em História pela Universidade Federal do Piauí (1977) e bacharela em Ciências Econômicas pela mesma IES (1983). Fez mestrado em História do Brasil (1984), na Universidade Federal do Paraná, e doutorado em História Social na Universidade de São Paulo (1992). É autora dos seguintes livros: *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*; *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920*; *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*; *História, Literatura e Sociabilidades*; *Do Singular ao Plural*; *Família e economia: um estudo dos inventários e testamentos paulistas dos meados do século XVII*; *Diversões civilizadas em Teresina, 1880-1930*; *Educação no Piauí: 1880-1930*. Pesquisa e orienta os temas juventude e cultura contemporânea, dentre outros.

Email: [teresinhaqueiroz@bol.com.br](mailto:teresinhaqueiroz@bol.com.br)

**ELIZANGELA CARDOSO: Os estudos sobre gênero e corpo têm demonstrado que as categorias feminino e masculino são produzidas no campo da cultura, que os anos 1960 e 1970 têm sido palco de um conjunto de transformações envolvendo gênero, juventude, corpo e política. Considerando a memória individual, que é também coletiva, poderíamos começar enfatizando essas relações pelos seus registros de memória?**

TERESINHA QUEIROZ: Certo. A literatura tem tratado essas questões enfatizando basicamente dois pontos em relação às décadas de 1960 e 1970: o primeiro ponto seria a liberação sexual feminina, pois para os homens essa questão não tinha pertinência; e o outro ponto seria a ênfase nos interesses da juventude para com a política, política compreendida aqui como recusa ao movimento ditatorial que se estabeleceu a partir de 1964 e que foi sendo formatado de maneira cada vez mais fechada e mais severa na direção da década de 1970. Então, talvez, fosse interessante tratar dessas questões primeiro em separado e depois, articulando-as.

Vamos começar pela política. No início da década de 1960, no Brasil, há uma eclosão de interesses que se manifestam em variados grupos de atuação política, inclusive entre os jovens, mas, a partir de 1964, há uma mudança de ventos que vai solicitar que a juventude ou parcela dela tome algumas posições em relação às transformações políticas ocorridas no país.

Alguns registros da história e da memória têm alimentado a ideia, para mim equivocada, de que a juventude brasileira era coesa em relação à política. Aquela fração de juventude que se manifestou contrariamente aos novos modelos de ação do Estado preservou sua própria memória enquanto juventude politizada e atuante e passou a ser vista como a parte mais expressiva dos jovens. Entretanto, a juventude brasileira assumiu as mais variadas posições acerca da política naquela década. Há jovens ditos alienados, ligados à Jovem Guarda, movimento musical internacional, que em princípio recusavam essa ligação mais imediata com a política; havia jovens que não se manifestavam a partir da onda da cultura internacional e que se constituíam a partir do “futuro” ofertado pelo Brasil grande da propaganda do governo, que se beneficiavam de uma conjuntura de quase pleno emprego e, no calor do “Milagre econômico”, bradavam o “Pra frente Brasil”. Em outros termos, a juventude era fracionada e pressionada, como agora, e as pressões eram de natureza ora mais, ora menos politizadas, contra ou a favor do regime. Parte dos jovens vivia intensamente as rebarbas do movimento cultural internacional, experimentando o mundo para além da política, mais interessados nas sociabilidades artísticas e culturais mais amplas. Outra parcela dos jovens levava uma vida de uma certa maneira mais distanciada dessas grandes questões mundiais e nacionais, porém vivia em um mundo integrado em que a comunicação se tornava mais ampla e o consumo cada vez intenso: de automóveis, de moda, de discos, de revistas. A prosperidade econômica favorecia esse consumo, ou seja, havia uma pluralidade de ações da juventude em relação à política, ao mercado, à vida comum.

Com relação à sexualidade, a memória é também de certa maneira redutora, ao considerar essas décadas como palco de um desbunde generalizado. A alteração nos comportamentos juvenis aconteceu do modo muito gradual e foi mesmo traumática para muitos. Primeiro, quero definir “desbunde” não como anomia sexual e sim como uma postura política de certa maneira descompromissada, como um “não estou nem aí” para o Estado e suas opressões e como um “estou dentro” para a cultura e para o corpo. A ideia de que na década de 1960 já havia uma liberação muito grande da sexualidade no Brasil, seguramente não se sustenta. É certo que se insinuava um movimento de liberação, menos da sexualidade como intercurso, e mais dos usos sexuais do corpo, mas não apenas isso. Destaca-se o uso do corpo como vitrine para construir uma distinção em relação aos outros jovens. Principalmente nas grandes cidades, os jovens começavam a consumir grifes, a andar em carros potentes, a usar botinhas, a ter condições de adquirir e exibir produtos de marca, ou seja, o corpo é símbolo de distinção, é lugar de hierarquias e de protestos. As mulheres

aparecem com suas minissaias, tops, microssaias, com as calças de cós baixo exibindo cinturas e barrigas. Um novo vestuário mostrava o corpo jovem, e esse corpo em exibição conflitava com o corpo das mães, dos pais, dos avós, com as modas sisudas do passado, ou seja, o corpo torna-se um espaço que pode ser definido como linguagem. O corpo mostra o que é um jovem e isso acontece tanto nas décadas de 1960 e 1970, como agora. Em outros termos, a questão não é só a da liberação sexual, é, sobretudo, a do corpo que vem para a cena, ocupa o primeiro plano, passa a ser a moldura e a vitrine para um novo estar no mundo. Assim, comportamentos que foram típicos dos jovens em relação à moda, à exibição do consumo de produtos caros, como os carros, eram de certa maneira definidores de um lugar social. É justamente nessas décadas que se inventa aquela explicação binária acerca da moda – de um lado os atualizados, e do outro, os cafonas. A cafonice corresponde à performance do corpo contrária ao que nessas décadas surgira como o modelo com o que o jovem burguês se identificava e sonhava, com seu corpo jovem, um corpo na moda, um corpo em exibição. O cafona é o oposto do jovem moderno, atualizado, consumidor, de classe média. E é esse jovem urbano da classe média que começa a impor novo perfil: de vestuário, de comportamento sexual e de educação, tendo como base os emergentes costumes urbanos. É o império da classe média sobre a juventude que começa a configurar-se, separando de imediato os jovens modernos dos jovens cafonas. A cafonice também está relacionada ao recuo do mundo rural, ao crescimento avassalador das periferias das grandes cidades, à impossibilidade de consumir dos pobres. Um colunista social da época, Ibrahim Sued, inventou uma expressão que ficou famosa: *Sorry, periferia!* O Ibrahim Sued era, assim como a Danusa Leão, um colunista da *high society*. Nessa expressão “*sorry, periferia*” havia um profundo recorte de classe, a invenção de uma distinção ligada ao consumo, ao mercado e à circulação social.

Considero que as décadas de 1960 e 1970 são bem mais ricas, mas ainda estão aprisionadas nesses dois recortes: o da política e o da sexualidade. As imagens que se construíram dessas décadas são muito redutoras. Como exemplo, vamos voltar para a questão do corpo. Fala-se muito em liberação sexual nessas décadas, movimento que inclusive tem relação com a descoberta e a divulgação da pílula anticoncepcional, mas é um movimento que atinge uma parcela muito pequena das mulheres. A maior parte das mulheres solteiras do Piauí e do Brasil seguramente ainda preservavam suas condições de “moças de família”. Algumas palavras e expressões da época mostram muito bem esses conceitos. “Moça de família”, “moça falada”, “moça encoberta”, “moça falsa”. Utilizava-se também a expressão “moça de programa”, ou seja, a sociedade brasileira ainda era bastante conservadora e mesmo

as jovens mulheres que se permitiam uma maior liberdade sexual, não davam publicidade às suas práticas. Essas práticas deveriam permanecer no reduto da intimidade dos corpos masculinos e femininos envolvidos. As moças que assumiam um comportamento mais moderno, ditas moças “avançadas”, não andavam fazendo propaganda de suas performances sexuais.

Quanto às mulheres, em relação à sexualidade, havia grande diversidade de situações. Especialmente nos anos 1970, convivem moças de família, mulher de programa, moça enrustida, moça falsa e moça falada, que, entretanto, ainda era virgem. Acredito que a maior parte das mulheres jovens ainda estava sob a proteção da família, sendo vigiadas, guardadas para o casamento e controladas para evitar a queda nos caminhos da sedução. A partir dos anos 1950, os homens passam a insistir fortemente nas “provas de amor”, como acontecia nas décadas de 1930 e 1940, eles pedem essas provas de amor e, quando as mulheres cediam, muitos caíam fora, com argumentos que por si mesmos já dariam um excelente estudo. Zuenir Ventura em *1968: o ano que não terminou*, descreve uma festa de *réveillon* que aconteceu na casa da Heloísa Buarque de Holanda, no Rio de Janeiro. Num dos episódios reproduz uma conversa que teria acontecido entre Heloísa e sua amiga Marília Carneiro, as duas politizadas e com costumes “avançados” para os padrões da época. Heloísa teria dado o seguinte conselho a Marília, que lhe perguntara, ansiosa, por que teria que dar para todo mundo. Sua inquietude era pelo fato de estar muito satisfeita com o casamento, o marido e os filhos, não querer sair por aí liberando geral. Heloísa teria sossegado a amiga! “Marília, tu diz que dá, e não dá. A gente tem que dizer que dá, mas a gente não tem que dar.”

Essa questão da sexualidade é muito interessante, porque há sem dúvida uma liberação do corpo, mas as ênfases eram para a liberação da sensualidade e não necessariamente para o intercurso. Os limites ainda são muito vívidos e os “avanços” do corpo, controlados. A mulher permite-se sentir desejo e expressar esse desejo, mas não necessariamente isso se transforma em prática sexual completa. Nesse sentido, aquelas décadas são bastante diferentes da situação em décadas posteriores em que a sexualidade se antecipou nos namoros, as relações sexuais acontecem mais precocemente, e já está quase perdido aquele sentido acentuado da culpa sexual própria das gerações passadas, derivada do peso dos valores familiares e da influência da Igreja. Isso se alterou muito, o que não quer dizer que todas as mulheres liberassem o seu corpo sexualmente muito cedo. Porém, a tendência do movimento foi no sentido da legitimação dos usos sexuais do corpo com os namorados, ou com os ficantes, sem aquele peso da cultura repressora vindo da família e da Igreja. Nessa perspectiva, há um

contraste e uma distância entre as décadas de 1960 e 1970, quando esse movimento de liberação do corpo inicia com visibilidade social, e o século XXI, em que as estatísticas apontam a antecipação das primeiras relações sexuais quase para a infância e em que apenas uma pequena parcela das mulheres inicia mais tardiamente a vida sexual. Trata-se de uma distância bastante acentuada. O namoro naquelas décadas ainda é o primeiro degrau para alcançar a grande meta das mulheres no período, que é o casamento. E mesmo quando o namoro era “avançado”, na expressão da época, isso poderia constituir em parte uma estratégia para “segurar o homem”, ou seja, casar, o que nem sempre acontecia. Nas décadas de 1970 e 1980, há grande incidência de gravidezes que antecedem o casamento. Talvez, no Brasil, seja esse período em que mais se observa o casamento antecedido por relações sexuais que se transformam em gravidez. Mas essas gravidezes em boa parte resultavam em casamento, porque agora eram as “moças de família” que engravidavam de seus namorados, numa situação distinta do quadro atual em que a incidência de mulheres solteiras grávidas está relacionada a parceiros eventuais e em que as gravidezes ocorrem quase sempre envolvendo menores de 18 anos, muitas vezes com dificuldades de precisar quem é o pai. Essas são algumas das diferenças do hoje em relação àquele período, no que diz respeito aos usos do corpo. Os costumes sexuais e os costumes sociais modificaram-se bastante. Em paralelo à maior aceitação e precocidade dos relacionamentos sexuais, eles também são vividos com menos culpa. Legitimou-se a possibilidade de os jovens não casados e sem pretensão de casar estabelecerem vínculos sexuais, não só com seus parceiros fixos, namorados, noivos, mas com parceiros eventuais, isso tanto do ponto de vista dos homens quanto das mulheres, e a repressão quanto a essas práticas também se diluiu. Houve, sem dúvida, alterações muito significativas em relação às práticas sexuais no Brasil.

**ELIZANGELA CARDOSO: Poderíamos aprofundar esta clivagem entre as décadas de 1960 e 1970 e a contemporaneidade no que diz respeito aos usos do corpo pela juventude?**

TERESINHA QUEIROZ: As urgências do corpo, a invenção da pílula e as novas formas de lazer urbano nas décadas de 1960 e 1970 conduziam os jovens para os espaços públicos, e para a noite. A maior difusão dos carros, a oferta de lazer noturno, a independência feminina, derivada da conquista do mercado de trabalho pelas mulheres, colaboraram para que elas se dessem o direito de usar o corpo como achavam que deveria ser usado. Ainda na década de 1950, acentuando-se nas seguintes, a entrada das mulheres

no mercado de trabalho conferiu-lhes certa independência, não só em relação aos parceiros, mas sobretudo em relação à família. As mulheres deslocam-se para os centros urbanos para cursar faculdades, assumem seus empregos, dividem apartamentos com amigas ou moram sós, ou seja, já há todo um conjunto de novas circunstâncias pessoais, profissionais e de vida urbana, com destaque para as formas de lazer automobilizadas. Até os anos 1970, as moças de família, para saírem de carro com os rapazes, quase sempre o faziam com companhias impostas pelos pais e pelas mães, porque o carro era um grande auxiliar no jogo da sedução. O carro era um lugar de prática sexual frequente entre os jovens, mesmo que essas práticas não significassem intercuro. O carro era lugar de um possível namoro “quente” e os jovens já estavam “efervescidos”. A música da época registra bem esses sentimentos e essas sensações.

Hoje, imagino que as questões sejam outras, pois ocorreram significativas transformações nos costumes ligados à religiosidade e aos valores defendidos pela família tradicional. Além disso, as relações do jovem com seus corpos passaram a ter maior sintonia com a difusão dos controles sobre a possibilidade de engravidar, muito embora a gravidez precoce hoje seja um fato e o aborto um dos dados mais dramáticos da experiência juvenil. As estatísticas em relação à incidência de gravidez não só em meninas pobres, mas em meninas de classe média são alarmantes. Percentual elevadíssimo de mulheres de classe média, e bastante jovens, já fizeram aborto e a família ignora na maior parte das vezes, pois as práticas abortivas também evoluíram muito e é fácil interromper uma gravidez, sobretudo, quando há disponibilidade de recursos para pagar o procedimento, o que ocorre com boa parte das jovens de classe média. Com isso, entramos nas temáticas do silenciamento e nos tabus do dizer contemporâneo.

Sobre as relações entre corpo e política, tenho a impressão de que no passado, essas relações não eram ligadas essencialmente às formas juvenis de protesto contra o Estado e a família, embora o fossem para alguns. Creio que essas relações são componentes da conjuntura que já permitia que as mulheres tivessem mais liberdade e independência com relação à família, e mais controle sobre os riscos da gravidez. Agora estou tratando do tema de maneira mais intuitiva e impressionista: as relações hoje parecem mais hedonistas, de busca mesmo do prazer pelo prazer. Os jovens têm prazer com o sexo, como o têm com o consumo de roupas, com bebidas, com festas, com drogas, com viagens, ou seja, o sexo é uma forma a mais de gozo. Uma forma de prazer que não gera culpa, inquietação, não gera noção de pecado conforme acontecia nas gerações das décadas de 1960 e 1970. Com o esgarçamento dos valores tradicionais, o consumo do corpo hoje difere do consumo do corpo no passado.

Em séculos de tradição cristã, o corpo feminino pertencia à família e, sobretudo, a Deus, e estava guardado para um possível futuro marido, além de ser depositário da honra familiar. Mesmo em décadas recentes, as mulheres, em sua maioria, mantinham-se virgens até o casamento. Quando ocorria excessos na intimidade com outros homens e o casamento acontecia, as mulheres negavam aquelas práticas passadas e a honra ameaçada era reposta. Apesar de todas essas transformações no campo das relações de gênero e no das sociabilidades familiares ainda hoje as mulheres tendem a minimizar o seu passado sexual diante dos seus parceiros, em outros termos, muitas mulheres ainda estão dispostas a cumprir antigos papéis e representá-los para os novos “príncipes encantados”.

Os homens, ao contrário, exponenciam suas práticas sexuais para se mostrarem mais machos, mais vigorosos, mais viris, aumentar suas cotações no universo masculino e feminino, e auferir dividendos sociais e sexuais. Assim, os modos de expressar a sexualidade e de construir representações acerca dela são bastante distintos entre homens e mulheres e isso, embora de forma nuançada, preserva-se da década de 1960 até agora. Há algum tempo, realizei com alunos de graduação uma pesquisa sobre o “ficar” e o resultado das entrevistas, feitas tanto pela Internet quanto pessoalmente, foi bem interessante: os meninos diziam haver ficado com 50, com 100, um dos entrevistados afirmou que já ficara com 200 meninas, e alguns até listavam as “ficantes”. Devo explicar que a noção de “ficar” era variável, indo desde um só beijo até a transa, dependendo da menina e da situação. E as meninas, mesmo aquelas que eram tidas como muito “ficantes”, em termos do passado, muito namoradeiras, ou muito fáceis, tendiam a reduzir o número de seus parceiros. Mesmo afirmando que beijavam muito, ficavam muito, tendiam a apresentar para baixo o número de parceiros. Essas temáticas ligadas ao corpo, à sexualidade e aos costumes são escorregadias, são complexas, porque há um jogo de imagens a construir, a preservar, a silenciar e a negar. Nessa rede de representações, também intenta-se mostrar o que não se é, negar práticas do passado e do presente, silenciar sobre fatos de legitimação duvidosa, afirmar ações não acontecidas. Os discursos podem variar a depender das relações no grupo, na família, na Igreja, com o namorado, com o marido.

**ELIZANGELA CARDOSO: As formas contemporâneas de relacionamento ampliaram o espectro das possibilidades de arranjos afetivos e sexuais. Elas apontam para redefinições nas relações de gênero, no que tange aos usos do corpo sexuado. É possível questionar sobre os modos como os jovens e as jovens redefinem normas que marcaram**

**a trajetória de gerações anteriores como namoro e casamento. Como você avalia esse ponto?**

TERESINHA QUEIROZ: Quanto a isso, há distâncias abissais entre o passado e o presente. Quando tratamos das décadas de 1960 e 1970, estamos ainda no marco da heterossexualidade, sob padrões familiares e religiosos conservadores e tendo como horizonte um casamento legal e pretensamente monogâmico. É um mundo normatizado, regulado e controlado de fora, pela sociedade como um todo. O indivíduo é definido e marcado pelo grupo de pertença. Ele não é ainda senhor de seu corpo. Esse mundo já parece distante de nós. Os códigos da contemporaneidade são dimensionados segundo parâmetros de tempo-experiência distintos do passado. Em termos antigos, o que era o fim, hoje é o começo.

Ao perguntar aos jovens como fica o namoro que já começa na cama, eles respondem: se for bom, a gente fica outra vez e o namoro pode acontecer por consequência. Entretanto, o que é novidade das décadas recentes é o desgaste da heteronormatividade e a efusão de entrelaces reais e possíveis no campo sexual. Ao tempo em que as regras do passado perdem em parte seus significados, foram inventadas fórmulas de atravessamento dos gêneros impensáveis, mesmo em passado recente. Os tempos atuais são de relacionamentos *queer*, trans, *sugar dating*, poliamor e muitos outros modelos. Trata-se da falência do próprio conceito de gênero conforme foi formulado nos anos 1970.

**ELIZANGELA CARDOSO: Quais seriam, então, as novas formas de classificação das mulheres e a relação com as escolhas que levam ao casamento? Como pensar as relações entre corpo, afinidade, família, classe e etnia?**

TERESINHA QUEIROZ: Pelo menos do ponto de vista do que os homens, as mulheres e a multidão *queer* dizem que a única garantia em um relacionamento é o amor. Com isso, há uma revalorização dos sentimentos e outra forma de marcação da continuidade dos casais. Nos relacionamentos, importa o corpo, mas tudo se resolve se houver acordo, afinidade e afeto. Essa solução é posta, sobretudo, pelos casais homossexuais, quando perguntados acerca dos limites, características e possibilidades de seus corpos semelhantes. Entretanto, observa-se, também, que muitos homens continuam reiterando as práticas do passado. Ficam com todas, mas quando a escolha implica casamento, os códigos sociais dominantes têm sua importância. Eles parecem ficar sem restrição, mas na hora de firmar namoro, apresentar para a família e assumir a relação, entram certamente os parâmetros de classe.

**ELIZANGELA CARDOSO: Considerando que as questões relativas ao corpo e à sexualidade são também atravessadas por outras categorias, como poderíamos, a partir de seus registros de memória, articulá-las às chaves “alienado” e “politizado”, atribuídas a jovens nos anos 1960 e 1970?**

TERESINHA QUEIROZ: Com relação à juventude dita “alienada”, é necessário enfatizar que essa noção dizia respeito à política. A alienação correspondia à participação na política, ela seria pouco politizada em relação aos interesses contra ou a favor do Estado Autoritário. Por outro lado, a juventude Jovem Guarda não era conservadora com relação aos hábitos de lazer e sociabilidades, às práticas de consumo e à vida sexual. Ela correspondia a expressivas frações da classe média, com um poder aquisitivo elevado, com capacidade de consumir moda, discos, viajar, ter carros, de impor modelos de comportamentos como os representados pela “garota papo-firme”, cantada por Roberto Carlos. Nessa canção, a garota é papo-firme, só dirige em disparada, adora uma praia, só anda de minissaia, está por dentro de tudo e só namora, se o cara é cabeludo! Essa moça não é necessariamente politizada, é uma moça de classe média que tem carro, que vai à praia, que namora cabeludos, que tem costumes urbanos. Pertence a uma classe média caracteristicamente consumidora. É uma jovem urbana que tem lá seus artifícios. O que ela quer mesmo é casar, daqui a pouco, ela atravessa essa fase de adolescente bonita e se estabelece. Um exemplo interessante é da cantora Wanderléia. Em suas memórias, ela afirmava acerca da sexualidade: dizia que transava, mas não transava, era mineira e virgem, andava com os pais e apenas fazia a encenação da moça liberada. O que desejava mesmo era casar e ter filhos, como o fez. Na década de 1960, parte dos jovens politizados, os homens e as mulheres, têm uma relação com o corpo, até certo ponto de liberdade. Há frações de homens e de mulheres que se dão o direito de usufruir plenamente a sexualidade. Mas, à medida que frações da juventude vão se tornando distintamente politizadas, tende a aparecer, sobretudo naquelas que se ligam aos partidos comunistas e na contramão do processo anterior, uma espécie de contenção do corpo. O corpo passa a ser compreendido enquanto uma arma política, portanto, as energias vitais não devem ser utilizadas para o sexo, pois essa energia vai fazer falta na luta política. As sociabilidades, sobretudo ligadas ao namoro, ao casamento e à sexualidade, são vistas como secundárias face às urgências da luta política. A intimidade e a subjetividade são colocadas em segundo plano, por não contribuir no processo democrático e essa é também uma

expressão da juventude politizada, da esquerda mais convencional. Além de se mostrarem conservadores no aspecto dos usos do corpo, também procuram preservar suas imagens, o que é compreensível em face do contexto político e da intensa e multifacetada repressão vinda do Estado Autoritário. A escolha foi a de silenciar a respeito da individualidade, da subjetividade, da família, das práticas sexuais e principalmente das práticas políticas. O corpo, para essa fração politizada da esquerda brasileira, principalmente, a da década de 1970, é uma arma de luta contra o regime. Que o digam as guerrilhas do Araguaia. As forças corporais, as energias juvenis devem ser canalizadas para o benefício da Nação. Claro que este esboço é bastante caricaturado. Essas afirmativas têm o sentido de tornar mais compreensível aquele tempo e seus limites. Nesse período, a bissexualidade aparece com muita força, ela é muito dita, ela é muito mostrada. É possível rastrear essa questão nos registros memorialísticos e biográficos de grandes expressões da Tropicália, profundamente politizadas e que são também alvo do interesse repressivo do regime. Parte desses artistas, sobretudo os que tinham uma ligação mais forte com a recusa à ditadura civil-militar, verberavam suas práticas bissexuais, significando-a como forma política de recusa aos poderes instituídos. Não era infrequente certa apologia da bissexualidade. Entretanto esse universo artístico é permeado por formas de liberdade que podem apontar para qualquer direção.

**ELIZANGELA CARDOSO: A literatura sobre a história das mulheres nas décadas de 1960 e 1970 permite perceber que os corpos femininos são múltiplos, dentre eles, o corpo sexuado, o corpo belo, o corpo produtivo. A relação entre corpo produtivo e corpo sexuado parece-me bastante paradoxal nesses anos. Que registros de memória você pode destacar para pensar esta relação?**

TERESINHA QUEIROZ: Esta é uma questão muito interessante. A entrada das mulheres no mercado de trabalho e a urbanização crescente, bem como o acesso aos bens de consumo duráveis colocam situações novas. Exemplo interessante é o do uso cada vez mais frequente dos automóveis. Como dito, muitas famílias temiam pela honra das filhas cujos namorados possuíam automóveis, mas como fazer essas restrições e controles, quando as mulheres também já compravam seus próprios carros? Essa nova situação esbatia aquelas regras, valores e medos familiares. É expressiva do paradoxo entre o corpo sexuado e o corpo produtivo. E, na prática, um dilema a ser resolvido em casa. Ao mesmo tempo, situações as mais diversas significam a multiplicidade das formas de relacionamento entre homens e mulheres jovens. De memória, lembro que uma amiga foi a Salvador passar as férias,

isso no início dos anos 1980, e marcou um encontro com um pretendente a namorado. Porém, só aconteceu esse primeiro encontro. Ela estabeleceu as regras do namoro, ele não aceitou e ficou mesmo indignado. Disse de pronto que não iria namorar uma mulher 3x4 (três por quatro), em referência à forma do retrato para documentos e que significava interdição ao toque do resto do corpo. Um caso de total desencontro de expectativas em relação aos usos do corpo sexuado. À mesma época, os tabus sobre o casamento monogâmico já estavam também se esgarçando. Também em Salvador, uma amiga casada e bem casada foi insistentemente solicitada para embarcar em um trio elétrico com um rapaz. Ela dizia, “não posso, sou casada”. Ele respondia: “não tem problema, eu sou também!”. Desse modo, as situações são as mais distintas e apontam para os novos rearranjos sociais requeridos pelas avassaladoras transformações mundiais em curso. Já caía a barreira da fidelidade conjugal feminina e os direitos dos cônjuges tendiam a se igualar.

**ELIZANGELA CARDOSO: Considerando que as mudanças quanto aos usos do corpo e da sexualidade implicam a formulação de novas normas, de novos processos de produção da subjetividade, como avaliar as pressões de ontem e de hoje?**

TERESINHA QUEIROZ: Hoje, como ontem, são diversas as formas de pressão para mudanças, há cobranças muito incisivas, mas há igualmente muita encenação em torno dos costumes. Se no passado a contenção do corpo feminino era a norma, hoje há pressão para a obrigatoriedade em relação ao sexo. Especialmente nos anos 1960, os grupos considerados de vanguarda eram muito reduzidos. Grupos exclusivos tendem, na divulgação de suas ideias, a ser autoritários. E ainda não há uma memória acerca dessa pressão autoritária dos liberados sobre os não liberados. Essas pressões não se dirigiam apenas ao usufruto da sexualidade, mas ao consumo de substâncias aceitas ou proibidas, como os cigarros e a maconha. Ao longo desses anos, havia uma grande pressão para que as moças fumassem. Se observarmos as mulheres que estão hoje na faixa dos 70 anos, veremos que se trata de uma geração de fumantes. Na década de 1980 e, sobretudo, nos anos 1990, as cobranças já eram outras e já começava a ser desagradável uma mulher fumante. A mulher que fuma passa a ser vista como masculina. Alguns homens diziam: “Sinto como se estivesse beijando um homem”. As pressões eram também para estar na moda e para consumir bebidas alcoólicas. A sexualidade é apenas um aspecto desse conjunto de mudanças.

Penso, entretanto, que há vários aspectos a observar. Hoje parece haver a conjunção de

grupos de legitimação, por exemplo, em torno do uso de drogas, mas em paralelo a grupos instituídos e organizados de contenção e repressão. Do ponto de vista do corpo e da sexualidade, já prevalece a aceitação do corpo sexuado e a naturalização da vida sexual como direito de todos. A repressão arrefeceu e já não se considera desonrada uma moça que tem uma vida sexual normal. Ela não é chamada “moça de programa”. Ela só é de “programa” se suas práticas sexuais envolverem dinheiro, a mediação de uma casa especializada ou um agente. Além disso, os serviços sexuais são profissionalizados e legalizados. Anormal é uma jovem que não tem vida sexual. No mais, é tudo comum e desejável. Essas transformações não significam que não haja pressão para outras formas de desempenho juvenil, como a performance escolar ou o sucesso financeiro. As formas de pressão são muito diluídas. Talvez a principal cobrança seja a de consumir. O jovem de hoje é induzido a ter carro de marca, roupa de marca, objetos tecnológicos de ponta. A pressão é mais comercial, no sentido de o jovem ter dinheiro, comprar e exibir o produto, tanto que parte da delinquência juvenil associa-se à viabilização do acesso ao consumo. Os jovens, homens e mulheres, delinquem para adquirir roupas caras, circular de carro, frequentar bons restaurantes, fazer viagens internacionais e expor um alto padrão nas redes sociais. Entretanto, não deve ser esquecido que essas diferenças têm um forte conteúdo de classe. Ao tratar das décadas de 1960 e 1970, estamos falando, sobretudo, das transformações acontecidas na classe média urbana das grandes cidades e de mulheres que estão nas universidades, nos empregos, que têm acesso à informação, às viagens, ao consumo. A sexualização crescente da juventude hoje é generalizada. Da mesma forma que a jovem da periferia, as jovens das classes médias e das classes altas têm vidas sexuais relativamente livres e sem constrangimentos. Nas décadas de 1960 e 1970, o carro era o motel. Na década de 1980, os motéis foram instalados em maior quantidade e, na década de 1990 e nos anos 2000, o sexo juvenil passou a acontecer preferencialmente em casa. O sexo seguro passa a ser definido, ao mesmo tempo, como sexo praticado com o uso da camisinha, e como uma prática aceita no âmbito doméstico. Os namorados levam as meninas para suas casas ou para as casas de seus pais. Com a ressalva de que há mais liberdade de o homem levar as mulheres, porque os pais não se incomodam que os filhos levem as namoradas para casa, e menos liberdade para uma jovem solteira levar o rapaz para casa, o que mostra que ainda há semelhança com o passado, do ponto de vista do conservadorismo das famílias.

As décadas de 1960 e 1970 só podem ser entendidas enquanto cenário no qual a juventude ganha essa visibilidade, porque trata-se de momento em que há forte e inegável

mundialização da cultura. Os jovens começam a compartilhar experiências similares na Europa, nos Estados Unidos, no Japão, no Brasil, e essa homogeneização das experiências detona o que se convencionou definir, também na esfera da cultura, como globalização. Essa mundialização da produção e do consumo cultural já vem da década de 1960, esse definir-se em comum, essa nova identidade juvenil já se generalizava. Tomemos o exemplo da moda: a inspiração era da estilista Mary Quant. Twiggy e as manequins inglesas ditavam o padrão de beleza e a moda *up to date*. Em outros termos, a mundialização da cultura e das experiências da juventude vem daquela década e exacerba-se agora. Exacerbou-se, sobretudo, porque o mundo hoje é de fato uma aldeia global. Com a Internet, os jovens estão conectados ao mundo todo, enquanto naquelas décadas apenas uma parcela dos jovens integrava-se ao mundo, via rádio e televisão. Entre as décadas de 1960 e 1970, o mundo ainda era constituído por dois universos em conflito: o mundo socialista e o mundo capitalista. Boa parte da recusa política juvenil no mundo ocidental tinha como parâmetro e como inspiração o mundo socialista. Com a queda do Muro de Berlim, houve a reconfiguração das relações sociais, políticas e ideológicas que buscavam a recomposição da unidade do globo. Com a desesperança e o desalento que resultaram da queda daquele muro emblemático, já é possível perceber-se mais realisticamente como era o lado de lá e esse lado não agradou aos ocidentais. Perdeu-se em parte a dimensão ideológica em que se pautava a bipolaridade do mundo: o mundo capitalista e o socialista. E o que aconteceu? O mundo tornou-se todo capitalista.

Ao olhar para trás, observa-se um tempo em que os valores eram muito utópicos, ligados também às políticas macro. Comparativamente, os jovens de hoje não parecem ter muitas utopias de mudança política. Eles as têm, talvez, acerca dos direitos civis e de sua ampliação, e das demandas por maior espectro de benefícios sociais. Utopias não contra o Estado, mas sonhos de proteção vinda de um Estado-Pai. Acerca dos costumes privados, os jovens ampliaram muito as conquistas das gerações anteriores. A utopia mais visível agora é a utopia do consumo. A leitura primeira e aproximativa é essa. As utopias modificaram-se profundamente e as do passado esvaíram-se, porque ninguém mais tem medo do Inferno – como punição no âmbito religioso e sim do inferno social, do nosso dia a dia de violência inominável. Ninguém mais quer ir para a União Soviética ou para Cuba. As pessoas querem é curtir. Se você perguntar a um jovem, hoje, acerca de suas pretensões, sobretudo se ele for um pouco mais desesperançado, a resposta é imediata: “Eu quero é curtir”. E há muito passou também aquela moda *yuppie*, que marcou a cultura norte-americana nos anos 1980, que era a do jovem crescer economicamente e logo exibir o seu primeiro milhão de dólares. Com a

pobreza generalizada que caracteriza boa parte do mundo, os jovens também perderam a esperança de se tornarem ricos. Eles querem é viver o hoje. É como se a história humana tivesse de fato se reduzido. No passado, a história, por séculos conduzida pela religião, encaminhava todos para o Juízo Final. A partir do século XVIII, a história passa a ser costurada pelas ideias iluministas e, posteriormente, essa caminhada postula como meta o socialismo. Hoje, não chegamos a lugar algum, a não ser na curtição. O mundo encolheu. O mundo do jovem está reduzido, se o compararmos à extensividade temporal das gerações anteriores, mesmo das gerações das décadas de 1960 e 1970 e até mesmo às expectativas e crenças da juventude politizada dos anos 1980. O mundo juvenil não se expandiu sequer em direção à família, porque ninguém mais quer ter filhos. Hoje, grande parcela das mulheres japonesas já não casam, poucas manifestam o desejo de ter filhos e a projeção de crescimento populacional negativo é dramática em todo o mundo. As mulheres europeias também já não querem casar e menos ainda ter filhos, induzindo os governos a adotar políticas de incentivo à geração de filhos. A mulher que engravida é premiada com a extensão da licença maternidade e com outras formas de proteção social. Diluiu-se esse intento de construir um patrimônio, com vistas à proteção da família e à promoção do bem-estar dos filhos, porque as mulheres recusam fortemente a maternidade. Não preciso sequer realçar os números dramáticos da demografia contemporânea no Brasil. Seguramente, a questão que está posta já não é a da infância ou da juventude e sim a do envelhecimento. Nosso tempo já é o tempo curto dos idosos.

**ELIZANGELA CARDOSO: Acho que, no mundo contemporâneo, o desemprego estrutural e a morte de utopias que caracterizaram as décadas de 1960 e 1970 têm causado impacto nas expectativas dos jovens em relação ao futuro.**

TERESINHA QUEIROZ: É possível pensar a questão em termos comparativos. No passado, as práticas sociais, culturais e sexuais tinham em vista um projeto coletivo da salvação do corpo e da alma, tinha um sentido boa parte das experiências dos séculos XIX e XX, visava a mudança do mundo no âmbito político e no espectro religioso. Em contraste, os jovens, nesse instante, não parecem mostrar muito claramente seus objetivos de longo prazo. Apenas percebo nos sonhos dos jovens uma pretensão simples, mais vital. Eles querem algo que é cada vez mais escasso: um emprego.

Teríamos que fazer um inquérito extenso e apurado entre os jovens para saber que sonhos os movem, quais são suas utopias. Aparentemente, não são desejadas coisas

distantes da vida comum. O jovem quer um mínimo de estabilidade, um mínimo de âncora, começando por emprego. Ele não está projetando muito. Como historiadora vejo o ser jovem hoje como privilégio, mas igualmente a juventude como dilema, enfrentando problemas que não eram muito frequentes no passado, como o recurso antes inimaginável ao suicídio. Estão na pauta juvenil o consumo precoce de bebidas alcoólicas, a dependência quanto ao uso de drogas cada vez mais variadas e sofisticadas, a delinquência que captura crianças e adolescentes. E ainda a epidemia da gravidez precoce, fora de vínculos de afeto mais estáveis e que deixa de ser problema apenas das classes populares e passa a ser enfrentado pelas classes médias, sobretudo. Penso que os jovens estão um tanto apavorados com a redução dos empregos formais e, sobretudo, com a mutação na natureza dos empregos. Minha geração, que entrou no mercado de trabalho nos anos 1970, sabe bem menos acerca do desemprego. Aos dezoito anos, com o esforço necessário e alguma qualificação, conseguia-se o primeiro vínculo no mercado formal de trabalho.

### **ELIZANGELA CARDOSO: Como avalia a relação entre juventude e política na contemporaneidade?**

TERESINHA QUEIROZ: A política de hoje é diferente da política do passado, porque não há, por exemplo, o demônio da ditadura como um marcador de identidades, para as pessoas se colocarem contra, construïrem um Outro a demonizar. Hoje, o discurso midiático é tão moldado por fórmulas comuns que é difícil compreender as diferenças, como nos horários políticos em que todos os candidatos parecem dizer a mesma coisa. Todos se autodefinem por uma série de qualidades, ao tempo em que reprovam o outro. Nessas representações do Bem e do Mal, do certo e do errado, como em outras fórmulas binárias, o Outro deve ser afastado. Porém, a inconsistência das argumentações é visível e, a partir dos discursos, é muito difícil antever as práticas. Além disso, boa parte das pessoas hoje já perdeu até aquele sentimento que marcou a década de 1990 e deu sustentação ao movimento Fora Collor, contra a corrupção e as diversas formas de patrimonialismo e nepotismo. Tenho ouvido muita gente afirmar acerca dos governos recentes: “Oh! Mas ele tem mais é que aproveitar enquanto está no governo e arrumar a família. Todo mundo rouba”. Trata-se de uma inegável naturalização da corrupção e dos usos privativos do Estado. É a própria negação do Estado enquanto conceito, como instância pública e reguladora das relações sociais. Com formulações do tipo: “ele está sendo bom para a família”, o nepotismo está sendo naturalizado. Essas percepções dizem respeito a frações da sociedade, são ditos de pessoas reais. É evidente que

muitos não toleram a corrupção, não apoiam o nepotismo, lutam contra o patrimonialismo, mas não parece haver um movimento organizado nesse sentido. Talvez devêssemos perguntar aos jovens quais são as suas bandeiras. Já fiz várias pesquisas com meus alunos acerca das práticas e dos perfis juvenis, mas parece haver um certo temor, da parte deles, de enfrentar diretamente os temas de política, a não ser nos aspectos nacionais e nas formas dicotômicas da polaridade brasileira em curso. Mas admito que posso estar propondo uma interpretação equivocada, que deriva de uma ausência de estudos mais aprofundados sobre essas questões. Portanto, coloco parte dessas interpretações acerca do tempo presente com certo cuidado e em termos hipotéticos. Simpatizo menos com as certezas e as dimensões fechadas e afirmativas e mais com os universos dos possíveis.

**ELIZANGELA CARDOSO: Além das mudanças no campo político institucional, comparando a experiência atual, àquela vivenciada nos anos 1960 e 1970, como pensar a relação entre política e cultura?**

TERESINHA QUEIROZ: Para essas gerações a partir dos anos 1970, sobretudo, e falo do Brasil, cultura é política e política é cultura, o que nos leva a pensar nas ricas articulações dessas duas esferas. Em termos de um passado mais longínquo algumas dessas coisas de que tratamos compunham apenas o universo da política como política estatal e partidária. Hoje a abranger essas transformações seria o de cultura política. No que diz respeito às políticas do privado, o destaque é para as fórmulas de conquista de *status*, de preservação de prestígio grupal ou familiar e de construção de novas formas de distinção. Nessas situações, a política já aparece como cultura e cultura que regula a vida cotidiana. E há ainda os discursos da micropolítica ligados aos costumes, aos modos de experienciar a vida cotidiana, de exhibir-se nas redes sociais, de representar as subjetividades e de expressar as singularidades dos sujeitos. Trata-se de um mundo recortado, interessante e novo.